

APRESENTAÇÃO

Os relatos que você vai encontrar nesta obra de rara e sensível beleza, escrita com simplicidade, mas com muita profundidade e sinceridade de coração, são os reflexos claros das maravilhas da graça na alma dessa santa que viveu, no próprio corpo, as dores do Crucificado.

Santa Gemma Galgani escreveu a breve história de sua vida a pedido de seu diretor espiritual, padre Germano de Santo Estanislau, C.P. A princípio, ela mostrou certa resistência, mas compôs estes escritos por obediência e, por considerá-los confessionais, desejava que padre Germano os destruísse depois de lê-los, impedindo que outros tivessem acesso a eles.

Padre Germano tinha o objetivo de tomar conhecimento dos anos que ela tinha vivido antes de conhecê-lo. Ele estava intrigado com o que via naquela jovem que, já com características de santa, a cada dia se revelava de modo mais surpreendente nas suas relações com o transcendental. Gemma tinha dificuldade de falar de si mesma, e só o fazia por confissão, isto é, no sacramento penitencial. Assim, cada página desta autobiografia é uma espécie de confissão e, também, resultado de um esforço doloroso.

Assim, esta é uma obra quase penitencial, que Gemma considerava uma extensão de suas confissões, ou confissões gerais, por se tratar de um resgate de sua história de vida, de quedas e reerguimentos. Por essa razão, ela chamou a estes escritos *O caderno de meus pecados*.

Embora seu diretor espiritual não tivesse a pretensão de destruí-los, o Diabo intencionava fazê-lo, porque eram escritos que faziam bem à alma que ele deseja possuir. A Providência divina, porém, quis que esta obra fosse preservada e chegasse até nossos dias, vindo a contribuir grandemente com a vida espiritual de tantas pessoas que buscam beber na fonte da mística dessa santa, para se abastecer espiritualmente e vencer suas tentações.

Esta autobiografia de Gemma, escrita em forma de carta, tem uma história intrigante que vale a pena resgatar, mesmo que de modo breve, para entendermos melhor o seu valor espiritual. Gemma começou a escrevê-la em 17 de fevereiro de 1901 e a concluiu em 15 de maio do mesmo ano. O mais curioso da história desta autobiografia, escrita em tão pouco tempo, não é o fato de Santa Gemma ter mostrado resistência em escrevê-la, mas o de ter este caderno incomodado o Diabo, que tentou destruí-lo no fogo do inferno. Podemos nos perguntar: por que esta obra tanto incomodou o Diabo? Talvez pelo fato de ser uma das mais completas obras de santidade, que colocava Gemma mais perto de Deus.

Segundo conta padre Germano, em seu livro sobre a vida de Santa Gemma Galgani, o Diabo estava tão enfurecido com estes escritos que usou de todos os artifícios para destruí-los. Quando ela concluiu os manuscritos, padre Germano pediu que os entregasse primeiro aos cuidados de sua mãe adotiva, a senhora Cecília Giannini, para que os guardasse, esperando a oportunidade de entregá-los. Passados alguns dias, Gemma

viu o Diabo passar, rindo, pela janela do quarto onde ficava a gaveta na qual estavam guardados os manuscritos, e depois desaparecer no ar. Acostumada com tais aparições, como vemos em seu diário, ela não suspeitou de nada. Todavia, o Diabo retornou logo depois para molestá-la, como acontecia frequentemente, mas não teve êxito. Furioso por ter falhado, o Diabo saiu rangendo os dentes e declarando exultante: “Guerra, guerra, o teu livro está em minhas mãos”. Ele havia roubado os escritos da gaveta e agora estava de posse deles.

Ao perceber que seus escritos estavam nas mãos do Diabo, Gemma escreveu imediatamente a seu diretor, contando-lhe o ocorrido. Contou também o fato a sua benfeitora, Cecília Giannini, a quem devia obediência, tendo a obrigação de partilhar de todos os acontecimentos extraordinários que lhe sucedessem. Elas foram até o quarto, abriram a gaveta e viram que os escritos já não estavam ali. Imediatamente, elas comunicaram o fato ao padre Germano, que ficou profundamente consternado pela perda do tesouro. Padre Germano não sabia o que fazer e foi rezar junto ao túmulo de São Gabriel da Virgem Dolorosa, amigo espiritual de Gemma Galgani, buscando uma luz diante do ocorrido. Em oração, uma ideia lhe veio à mente: decidiu que exorcizaria o demônio para que devolvesse os manuscritos, caso ele os tivesse realmente roubado, e assim o fez. Voltou para o convento, tomou a estola, o ritual do exorcismo e água benta, e retornou para junto do túmulo do já falecido servo de Deus, Gabriel da Virgem Dolorosa, e lá, apesar de estar bem distante de Lucca, onde os manuscritos

havia sido roubados, pronunciou o rito de exorcismo na sua forma regular.

Padre Germano diz que Deus ouviu suas preces e, na mesma hora, os escritos foram devolvidos ao lugar de onde haviam sido retirados alguns dias antes. No caderno estavam as provas de que o Diabo tentara destruí-lo: as páginas estavam chamuscadas de cima a baixo, e queimadas em algumas partes, como se cada uma delas tivesse sido exposta ao fogo separadamente. No entanto, não estavam totalmente destruídas, a ponto de se perderem os escritos. Os originais desta autobiografia, com as páginas chamuscadas, encontram-se protegidos em uma redoma de vidro, no museu da Casa Geral dos padres e religiosos passionistas, em Roma.

Assim, esta obra de rara espiritualidade, que adentrou o inferno, agora possibilita que, por seu intermédio, vislumbremos o céu, pois é uma obra que faz bem à alma, como previu padre Germano. Depois de tê-la recuperado, padre Germano declarou: “Este documento, tendo assim passado pelo fogo do inferno, está em minhas mãos. É verdadeiramente um tesouro, como já disse, com informações muito importantes que nunca teriam sido reveladas, caso tivesse sido destruído”.

Este tesouro chega a nossas mãos graças à intervenção divina e a tantas pessoas que possibilitaram que esta obra fosse publicada em língua portuguesa (tradutores, organizadores, revisores, editores etc.). Que ela sirva para edificar a vida espiritual de todos os leitores, sejam eles devotos de Santa Gemma ou não.

Quem desejar conhecer Santa Gemma Galgani por ela mesma deve ler esta obra. Aqui não estão fatos que outros contaram sobre ela, mas que ela mesma revelou sobre si. Daí a importância destes escritos, pois são raras as obras escritas pelos próprios santos. Aqui estão suas dores e alegrias, mais dores que alegrias. Em se tratando de Santa Gemma Galgani, porém, dor é alegria, porque, a exemplo do Crucificado, a maior alegria, que é a ressurreição, foi resultado da maior dor, a cruz.

Pe. José Carlos Pereira, CP

1. AO MEU PAPAI,¹ QUE O QUEIME IMEDIATAMENTE²

Meu papai,
Escute: eu gostaria de fazer uma confissão geral dos meus pecados sem adicionar mais nada, mas o anjo do Senhor me repreendeu, dizendo-me que obedeça e faça um resumo de tudo o que me aconteceu na vida, coisas boas e ruins.

Que cansaço, meu pai, obedecer a isto! Porém, preste atenção: o senhor o leia e releia quantas vezes quiser, mas que ninguém mais além do senhor o leia, e depois o queime imediatamente. Entendeu?

O anjo me prometeu que me ajudará e me fará lembrar de todas as coisas; porque, isto lhe digo claramente, chorei também, porque não queria fazer isto: apavorava-me a ideia de lembrar-me de tudo, mas o anjo me garantiu que me ajudará.

¹ N.T.: Santa Gemma utiliza o termo *Babbo*, termo utilizado apenas na Toscana (onde nasceu e viveu a Santa) e Sardenha para se referir a um padre. No restante da Itália, no entanto, *babbo* é um termo carinhoso para se referir ao pai, equivalente a papai em português. Isso causa um pouco de confusão no texto, dificultando saber se se trata do pai biológico ou do padre Germano.

² Esta biografia, escrita em forma de carta ao padre Germano, é a chamada confissão geral, da qual a Santa fala diversas vezes em suas cartas (ver cartas 45^a, 46^a, 55^a, 71^a, 73^a ao padre Germano). O termo confissão geral foi utilizado muito sabiamente pelo diretor para induzir a sempre humilde Gemma a contar, sem restrições, os tesouros das graças com as quais Deus a havia enriquecido; portanto, mais que uma simples confissão dos pecados, ele queria que ela escrevesse um compêndio de toda a sua vida, uma breve autobiografia. Com muita dificuldade, a Santa se pôe a escrever (conforme carta 45^a) e, como ela mesma disse no início, mesmo que ela quisesse fazer sua "confissão geral dos pecados, sem adicionar mais nada", precisou, no entanto, estimulada pelo anjo da guarda do padre Germano (conforme carta 46^a), fazer um "resumo de tudo o que me aconteceu na vida, coisas boas e ruins". Cumprindo plenamente o desejo de seu pai espiritual, a

E, depois, penso também, meu papai: quando o senhor tiver lido estas palavras e ouvido os pecados, ficará bravo e não mais quererá ser meu papai; agora se... espero que o queira ser sempre.

E o senhor, meu papai, aprova aquilo que o anjo me disse, de falar de toda a minha vida? É uma ordem sua e, depois do que me disse o anjo, me dou conta de que são coisas que meu papai já tem na mente e no coração. Escrevendo tudo, as coisas boas e ruins, poderá entender melhor como eu tenho sido ruim e os outros têm sido tão bons comigo; o quanto me mostrei ingrata com Jesus, e o quanto não quis escutar os bons conselhos dos pais e tutores.

Eis-me a serviço, meu papai. Viva Jesus!

Santa nunca quis de maneira alguma escrever uma verdadeira e autêntica confissão geral; o que se depreende de suas palavras "Eu ainda teria tanto pra contar, mas se Jesus quisesse, direi somente a Ele (em confissão)". Devemos então concluir que as coisas que ela contou nesta autobiografia, não intencionava dizer sob segredo de confissão. É verdade que queria que o padre Germano queimasse prontamente a carta, depois de tê-la lido, mas tal recomendação, sugerida por sua profunda humildade, e a qual felizmente não se levou a cabo, a pedia também para suas cartas e outros escritos (ver carta 16ª ao padre Germano e carta 13ª ao monsenhor Volpi). Não obstante, dada a intenção da carta, omitiremos algumas coisas. Nossa Santa começou sua autobiografia no dia 17 de fevereiro de 1901 (conforme carta 46ª ao padre Germano) e a terminou por volta de 15 de maio do mesmo ano (carta da sra. Cecília ao padre Germano, em 18 de maio de 1901), narrando com a vivacidade e simplicidade de sempre as várias histórias da sua vida, das primeiras recordações até 1900: 93 páginas de escrita em um caderno tornado célebre pela ação diabólica. Sabe-se, de fato, que, raptado pelo demônio no começo de julho (conforme carta 71ª ao padre Germano), depois de diversos exorcismos feitos pelo padre Germano na Tarquinia e na Ilha da Pedra Grande, sobre a sepultura de São Gabriel, foi devolvido ao lugar, "mas bem curtido", como diz a própria Santa (carta 73ª ao padre Germano); pois todas as páginas escritas ficaram chamuscadas e em parte queimadas pelo fogo; as últimas, em branco, no entanto, voltaram ilesas. Este precioso documento está guardado pelo Postulado Passionista (la Postulazione dei Passionisti). Suas palavras iniciais: "Ao meu papai, que o queime imediatamente" foram escritas sobre a capa do caderno.

2. PRIMEIRAS LEMBRANÇAS —

MAMÃE

A primeira coisa de que me recordo da minha mamãe, quando eu era pequena (com menos de sete anos), é que ela frequentemente me pegava no colo, e, por várias vezes, ao fazê-lo, chorava e me repetia: “Eu rezei tanto para que Jesus me desse uma menina; consolou-me, é verdade, mas muito tarde. Eu estou doente — me repetia — e devo morrer, deverei deixar-te; se eu pudesse te levar comigo! Gostarias?”.

Eu entendia bem pouco e chorava, porque via a mamãe chorar. “E para onde irá?”, lhe perguntava. “Ao Paraíso, com Jesus, com os anjos...”.

Foi a minha mamãe, papai, que me fez desde pequena desejar o Paraíso, e se ainda o desejo e quero ir para lá, escuto em respostas belas broncas e um belo não.¹

À mamãe eu respondia que sim, e me lembro de que, depois de repetir-me muitas vezes a mesma coisa, ou seja, sobre levar-me ao Paraíso, eu não queria mais separar-me dela, não saía mais de seu quarto. [...]

O próprio médico até proibiu de nos aproximarmos de sua cama, mas para mim toda ordem era inútil, eu não obedecia. Toda noite, antes de ir para a cama, ia até ela para rezar; ajoelhava-me em sua cabeceira e rezava.

¹ “Belas broncas e um belo não” da parte do confessor e do padre Germano, que não queriam autorizá-la a pedir a Jesus para morrer.

Certa noite, às orações de sempre, me pediu que rezasse também um *De profundis* pelas almas do Purgatório, e cinco *Glórias* às chagas de Jesus. De fato os rezei, mas como era geralmente somente eu quem rezava, avoada e sem atenção (em toda a minha vida, nunca prestei atenção às orações), fiz uma manha, reclamando com a mamãe que era muita coisa e que eu não estava com vontade. A mamãe, indulgente, nas demais noites foi mais breve.

3. A CRISMA (1885) – A MAMÃE NO PARAÍSO (1886)

Aproximava-se, no entanto, a época em que eu deveria fazer a crisma. Resolveu me ensinar um pouco, porque eu não sabia nada; mas eu, má, não queria sair do seu quarto, e fui obrigada a receber uma professora de doutrina toda tarde em casa, sempre sob o olhar da mamãe.¹

No dia 26 de maio de 1885 foi feita a crisma,² mas chorando, porque depois de acompanhar a celebração quis ir à Missa, e eu tinha medo de que a mamãe fosse embora (morresse) sem levar-me também com ela.

Ouvi melhor à Missa rezando por ela. De repente uma voz no coração me disse: “Quer me dar a mamãe para mim?”.³ “Sim – respondi –, mas se levar também a mim”. “Não – me repetiu a mesma voz –, dê-me a sua mamãe de bom grado.

.....
¹ Esta primeira catequista de Santa Gemma era a boa Isabella Bastiani. No processo apostólico da Santa, ela nos conta com quanto empenho e dedicação a pequena Gemma aprendia, com qual vontade ouvia os santos discursos, com qual devoção dizia suas orações em casa e na igreja. Lembra-se, de modo particular, de tê-la ensinado a meditar, especialmente sobre a Paixão de Jesus, e a procurar o anjo da Guarda, para se proteger e se livrar do demônio (*Summ. super virtut.*, n. 2, § 29; n. 5, § 83-85).

² No manuscrito, a data não é exata: falta o dia e é indicado o ano de 1888. Do registro de crismados da Paróquia São Leonardo in Borghi, em Lucca, à qual então pertencia Gemma, consta que recebeu a crisma no dia 26 de maio de 1885, das mãos de sua excelência dom Nicola Ghilardi, arcebispo de Lucca, na igreja de São Miguel in Foro; foi sua madrinha a tia Elena Galgani. Aquele dia era terça-feira, após o Pentecostes.

³ É a primeira alocação celeste da qual faz menção a Santa, que então tinha sete anos e dois meses.

Você, por enquanto, deve ficar com o papai. Eu a levarei ao céu, sabe? Você me dá a mamãe de bom grado?”. Fui obrigada a responder que sim. Terminada a Missa, corri para casa. Meu Deus! Olhava para a mamãe e chorava; não podia me segurar.

Passaram-se outros dois meses; não saía nunca de perto dela. Finalmente, então, o papai, que temia que eu morresse antes dela, um dia me levou embora à força, e me levou a um irmão da mamãe, não mais em Lucca.⁴

Papai, meu pai, agora sim... Que tormento! Não vi mais ninguém, nem o papai, nem os irmãos. Vim saber, depois, que a mamãe morreu no dia 17 de setembro daquele ano.⁵

⁴ Foi levada a San Gennaro, junto ao tio Antônio Landi.

⁵ Do ano de 1886.

4. EM SAN GENNARO, COM O TIO

De fato, mudei de vida morando com o tio; conheci até uma tia, que não se parecia em nada com a mamãe: boa, religiosa, mas queria saber da Igreja até certo ponto.

Agora sim eu sentia saudades do tempo em que a mamãe me fazia rezar tanto! Todo o tempo que estive com ela, não foi possível confessar-me (o que eu queria tanto); havia me confessado apenas sete vezes, e queria ter podido ir todos os dias, depois que morreu a mamãe (depois da crisma, mamãe me fez ir toda semana).

A tia decidiu me criar como filha, mas depois de saber de meu irmão falecido,¹ não quis de forma alguma, e no dia de Natal retornei à minha família, com o papai, os irmãos, duas irmãzinhas² (uma que eu não conhecia, porque foi levada embora assim que nasceu) e dois empregados.

Que consolo provei em retornar a eles e sair das mãos da tia! Ela me queria um bem infinito,³ e eu, nenhunzinho.⁴ O papai agora me mandou à escola no Instituto Santa Zita (eram monjas).⁵

¹ Seu irmão Gino, que tinha dois anos a mais que Gemma e morreu clérigo em 1894.

² Os irmãos Guido, Ettore, Gino, Antônio; as irmãs Ângela e Giulia.

³ A Santa, conforme já vimos, usa frequentemente o adjetivo “infinito” no sentido de grandioso, indescritível.

⁴ N.T.: Santa Gemma era muito jovem e se utilizou de uma linguagem mais coloquial nestes seus escritos.

⁵ As Servas do Espírito Santo (*Le Oblate dello Spirito Santo*), também chamadas Freiras de Santa Zita ou Zitinas, fundadas pela Venerável Elena Guerra.